

Abbi Waxman

«Um romance
peculiar e excêntrico
que irá encantar
qualquer leitor.»

ENTERTAINMENT
WEEKLY

A stylized illustration of a woman with long, wavy red hair and blue-rimmed glasses. She has her eyes closed and a slight smile, suggesting she is enjoying reading. She is wearing a blue and white horizontally striped shirt. Her hands are visible at the bottom, holding an open book. The background is a solid yellow color.

A vida
livresca
de
Nina Hill

BESTSELLER IMEDIATO DO USA TODAY

TOP
SEL
LER

«Solitude é independência.»

HERMANN HESSE

«Independência é felicidade.»

SUSAN B. ANTHONY

«Felicidade é teres um cartão da biblioteca em teu nome.»

SALLY BROWN, *Peanuts*

Hoje é o dia

DATA Terça-feira, 30 de abril

S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho



Spin

QUIZ



LISTA DE AFAZERES

- _____
- Comprar garrafa de água*
- _____
- Arranjar clips*
- _____
- Agrafos*
- _____
- Comida para o gato*
- _____
- _____
- _____

OBJETIVOS

BEBER MAIS
ÁGUA!!

NOTAS

*Acabar de ler
«A Educação
de Eleanor»*

+ PEQUENO-ALMOÇO

Smoothie 😊

+ ALMOÇO

Subway?

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO

Spin antes do quiz?

Um

.....

*Em que conhecemos a nossa heroína
e testemunhamos um crime de desconsideração.*

Imagina que és uma ave. Pode ser uma ave qualquer, mas os que tiverem escolhido avestruz ou galinha vão ter dificuldades. Agora, imagina que voas nos céus por cima de Los Angeles, tossindo ocasionalmente por causa da poluição. Fitas brilhantes de trânsito reluzem por baixo de ti e, à distância, vês uma extensão impossivelmente viçosa, como uma cerzidura verde numa peúga cinzenta. Quando te aproximas, essa extensão revela-se um quadriculado de casas e ruas antigas, e chegaste a Larchmont. Parabéns, estás na posse de um segredo que nem mesmo todos os naturais da cidade conhecem. É um bairro como outro qualquer, mas ostenta um bosque de árvores generosamente plantadas ao longo de ruas algo sinuosas que parecem ter sido retiradas em peso de um filme de Capra e ali postas, todas ao mesmo tempo, na década de 1920.

As casas são grandes, mas não vistosas, recuadas atrás de jardins fronteiros que fazem as ruas parecer ainda mais largas do que são. Nos dias de hoje, a maioria das casas mantém a aparência de sempre, graças à conservação histórica e a um consenso geral de que aquilo é tudo giríssimo. As árvores transformaram-se em exemplares verdadeiramente belos da sua espécie: as magnólias inundam as ruas de perfume, os cedros cobrem-nas de tapetes de agulhas avermelhadas e os carvalhos tornam a limpeza da rua e o estacionamento alternado¹ uma necessidade.

¹ O estacionamento alternado é uma lei de trânsito que determina em que lado da rua os carros podem ser estacionados num determinado dia. [N. T.]

Larchmont Boulevard é o coração linear de Larchmont Village, povoada de cafés, restaurantes, boutiques, lojas de vários gêneros de artesanato e uma das poucas livrarias em Los Angeles que permanece independente. É onde trabalha Nina Lee Hill, solteirona desta paróquia e heroína tanto da sua vida como deste livro que seguras na tua mão calorosa.

A Knight's está aberta desde 1940 e, embora a sua sorte tenha tido altos e baixos ao longo dos tempos, um genuíno amor pelos livros e um minucioso conhecimento dos seus clientes têm-na mantido em funcionamento. É, como todas as boas livrarias independentes deviam ser, gerida por proprietários e funcionários que adoram livros, que os leem, pensam acerca deles e os vendem a outras pessoas que sentem o mesmo. Há a hora da leitura para crianças. Há visitas de autores. Há marcadores de livros grátis. É um verdadeiro paraíso na terra, se achares que o paraíso cheira a papel e cola. É assim que cheira para Nina, porém, no momento em que a nossa história começa, ela preferiria voltar à parte em que éramos todos pássaros e cagar na cabeça da mulher diante dela.

A mulher fitava Nina de uma forma que só se pode descrever como truculenta, fazendo tilintar a sua ampla joalheria turquesa culturalmente apropriada.

— Quero o meu dinheiro de volta. É um livro muito enfadonho; passam o tempo todo sentados a conversar. — Respirou fundo e apresentou o *coup de grâce*. — Não sei porque é que a gerente me disse que é um clássico.

Nina olhou em volta à procura de Liz Quinn, a culpada. Conseguia ouvir à distância o restolhar de seda lavável, enquanto Liz se escondia na secção de *young adult*. Nina inspirou ódio e expirou amor. Sorriu à cliente.

— Leu-o até ao fim?

A mulher não lhe devolveu o sorriso.

— Claro. — Não era desistente, apenas queixinhas.

— Bem, não podemos devolver-lhe o dinheiro. — Nina enrolou os dedos dos pés dentro das suas meias fofinhas. Claro que a cliente não estava a ver, e Nina esperava sinceramente parecer calma e determinada.

— Porque não? — A cliente era baixa, mas conseguiu esticar-se alguns centímetros. Todo aquele pilates estava finalmente a compensar.

Nina foi firme.

— Porque lhe vendemos um livro e a senhora leu-o. É basicamente o ciclo de vida das livrarias. Se não gostou, lamento muito, mas não podemos fazer nada acerca disso. — Baixou o olhar para o livro em cima do balcão. — Não gostou mesmo? É geralmente considerado um dos melhores romances de todos os tempos. — Nina resistiu ao impulso de puxar da sua pistola de ar comprimido imaginária e rebenotar a cabeça da mulher, e teve um lampejo fugaz daquele momento no *Exterminador 2* em que a sua cabeça prateada se divide ao meio. Liz estava sempre a recomendar-lhe que fosse mais simpática para os clientes e que se lembrasse de que eles podiam comprar pela Internet qualquer livro do planeta mais depressa do que a Knight's conseguia encomendá-lo. Nina precisava de transformar o atendimento numa experiência simpática e pessoal, que agradasse tanto aos clientes que eles dessem à loja a) mais dinheiro e b) mais tempo do que dedicavam a Esse Outro Sítio. Os livreiros independentes chamavam-lhe O Rio, para evitarem dizer o nome em voz alta. Mas, como Nina muitas vezes pensava, a negação não é apenas um rio na América do Sul.

A mulher fez uma careta.

— Não sei porquê. A heroína fica sentada a olhar pela janela o tempo todo. Se eu passasse o tempo sentada a refletir na vida, garanto-lhe que não seria tão bem-sucedida como sou. — Atirou para trás o longo cabelo louro, com a sua ondulação cuidadosamente «natural» com ar de praia, e teve outra ideia. — Se eu não gostar da comida num restaurante, posso mandá-la para trás e ser reembolsada.

— Se a tiver comido, não. — Disto, Nina tinha absoluta certeza.

— Posso obter pelo menos um crédito na loja?

Nina abanou a cabeça.

— Não, mas posso sugerir-lhe um cartão da biblioteca? Numa biblioteca pode requisitar um livro, lê-lo e devolvê-lo sem ter de pagar absolutamente nada. — Forçou um sorriso. — Na verdade, há duas a que pode ir a pé daqui. — Tinha a certeza de que Liz ficaria satisfeita por perder aquela cliente. Certeza absoluta.

— A pé?

Nina suspirou.

— Ambas têm estacionamento. — Empurrou o livro por cima do balcão. — E isto continua a ser seu. Talvez possa tentar lê-lo noutra altura. Eu já o li umas 20 vezes. (O número estava muito subestimado, mas Nina não queria acabar com os neurónios que restavam à cliente.)

A mulher franziu-lhe a testa.

— Porquê? — Olhou Nina de cima a baixo, sem antipatia, apenas tentando perceber porque é que alguém faria uma coisa tão estranha. Nina usava um casaco de malha *vintage* verde-claro sobre um vestido azul, com uma pregadeira na gola. Aparentemente, a cliente ficou esclarecida, porque a sua expressão amoleceu e tornou-se compassiva. — Suponho que, quando se tem uma vida aborrecida, as vidas aborrecidas das outras pessoas funcionam como um conforto.

Nina pôs-se em bicos de pés e ferveu enquanto a mulher, descuidadamente, atirava *Orgulho e Preconceito* para dentro da sua mala de marca, entortando a capa e dobrando as folhas.

Passados dois minutos, a cabeça de Liz apareceu por cima da estante da banda desenhada.

— Já se foi embora?

Nina assentiu com a cabeça, arrumando compulsivamente uma pilha de marcadores e tentando esquecer os maus-tratos a um livro que acabara de testemunhar.

— És uma grande cobarde, nem sequer apareceste para defender a tua segunda escritora favorita do século XIV. Devias ter vergonha.

Liz encolheu os ombros.

— Jane Austen não precisa de defesa. Saíste-te bem e, além disso, nunca me esqueci de uma longa conversa que tive com aquela mesma cliente acerca do LSD e as fronteiras da consciência. — Endireitou alguns exemplares de *Roller Girl*. — Julguei que estávamos a falar das suas férias, mas afinal ela tinha ficado em casa e ido mais longe do que alguma vez julgara possível. — Inclinou a cabeça para mirar Nina

por cima dos óculos, o seu cabelo curto e escuro quase sem grisalhos, apesar das muitas carreiras que tivera e das muitas cidades e vidas de que fizera parte. — Houve uma longa divagação acerca da profunda beleza interior de um iogurte quando visto com as lentes dos alucinogénios, que me fez evitar o *Yoplait* para sempre.

Nina olhou-a atentamente.

— Custa-me muito acreditar nessa história.

Liz virou-se e dirigiu-se à secção de Ensaios.

— Espero que sim, visto que inventei tudo.

Nina baixou o olhar e sorriu. Nunca se sentira mais em casa do que na Knight's, com a sua abundância de sarcasmo e reconfortantes filas de lombadas. Era o céu na terra. Se ao menos pudessem livrar-se dos clientes e fechar a porta da frente, isso é que seria mesmo bom.



Sendo filha única de mãe solteira, o estado natural de Nina era a solidão. Ao crescer, vira as outras pessoas com pais, irmãos e irmãs, e parecia-lhe divertido; mas, de uma maneira geral, achava que estava melhor sem uma multidão à sua volta. Bem, talvez não tivesse sido sempre assim. Alturas houve em que as desejou, sobretudo quando andava na escola. Havia lá muitos miúdos que tinham irmãos e irmãs mais velhos que já estavam no secundário, e esses miúdos tinham uma aura de proteção que ela invejava. Os irmãos mais velhos acenavam-lhes no recreio, e chegavam mesmo a parar para conversar e conferir grandeza. Quando ela própria chegou ao secundário, ouvia os miúdos com irmãos mais novos a queixar-se deles, mas não deixavam de acenar ou ir falar com eles. Ela constatava a ligação, a morada partilhada, e imaginava como seria.

A mãe de Nina, Candice, tivera-a depois de uma breve relação com um tipo que conhecera naqueles tempos estranhos antes do *Google* (1988 a. G.?), quando uma pessoa só podia basear-se naquilo que lhe era dito pessoalmente. Nina abanava muitas vezes a cabeça perante os riscos que aquele pessoal da Geração X corria. Não tinham uma base online de

registros criminais, nenhuma hipótese de vasculharem as redes sociais em busca de mulheres e filhos, nem de ler meses de *feeds* em busca de pistas. Tinham mesmo de falar presencialmente com um estranho sem conhecerem a sua história. Podiam fingir ser alguém completamente diferente com cada pessoa que encontravam sem o esforço de criarem um perfil online consistente; o potencial para a desonestidade e a fraude era chocante. Adiante. A mãe de Nina nem sequer tinha a certeza do nome do tipo, nem se ralava com isso. Era repórter fotográfica, viajava pelo mundo e arranjava amantes sempre que tinha oportunidade, sem culpas nem complicações. *Eu sabia que te queria a ti, explicava ela a Nina. Sabia lá se também o queria a ele.*

Ao princípio, Candice levava Nina para todo o lado, carregando-a debaixo de um braço e deitando-a em gavetas nos quartos de hotel. Após um ano ou dois, contudo, Nina tornara-se inconvenientemente grande e irrequieta, por isso Candice arranjara um bom apartamento em LA e uma ama ainda melhor e deixara Nina entregue à tarefa de crescer. Aparecia três ou quatro vezes por ano, trazendo presentes, doces estranhos e cheiro a aeroporto. Nina nunca conseguira realmente conhecê-la, apesar de Candice ocupar muito espaço na sua imaginação infantil. Quando lera pela primeira vez *Sapatos de Ballet*, em criança, percebera que a mãe era o tio-avô Matthew.

A sua ama, Louise, fora uma mãe maravilhosa: divertida, interessada, com gosto pelos livros, amorosa e delicada. Criara uma vida pacífica para Nina e, depois da sua festa de formatura na faculdade, abraçara-a, chorara um bocadinho e regressara ao Sul, para ajudar a criar os filhos das filhas mais velhas. Nina ficara mais desolada com a partida de Louise do que alguma vez ficara ao despedir-se da própria mãe. Candice dera início à corrida, mas Louise levava Nina até à linha da meta.

Nina não sentira tanto a falta da mãe como sentia a de não ter pai. Não sabia exatamente o que é que os pais faziam no dia a dia, mas tinha-os visto de pé nas bancadas nos jogos de futebol da liga infantil, ou a aparecerem no fim das aulas, de mãos nos bolsos. No básico, tornaram-se completamente invisíveis, mas tinham reaparecido no secundário, sempre prontos para irem buscar os adolescentes depois das noitadas, evitando os olhos de todos quando uma multidão de

raparigas adolescentes se empilhava dentro do automóvel com o cheiro distinto a *sprays* corporais baratos e decotes generosos que revelavam seios em crescimento. Nina achava-os misteriosos. Quando ia a casa de outras pessoas, via as suas mães — de facto, muitas vezes, estabelecia boas relações com as mães —, mas ao sair do secundário ainda não percebera verdadeiramente para que serviam os pais. Eram um bônus agradável, como uma piscina ou um cão giro, ou uma predisposição natural para a pele sedosa.

— Então, qual é o programa para esta noite? — perguntou Liz.
— O Clube de Leitura para Senhoras Delicadas? Noite de Bridge para Apoio às Pessoas Transgénero? Demónios da *Découpage*?

— Achas-te muito engraçada — respondeu Nina —, mas a verdade é que tens inveja das inúmeras atividades diversas que me mantêm a mente alerta.

— A minha mente não precisa de incentivos — respondeu Liz.
— Na verdade, ando a tomar drogas duras na esperança de matar algumas células cerebrais e equilibrar o confronto cérebro/corpo.

O mesmo acontecia com Nina. Não a parte das drogas duras, mas a parte de a sua mente não precisar de incentivos. Em criança, fora diagnosticada com PDA, ou PDAH, ou uma sigla qualquer desse género, mas a bibliotecária da sua escola limitara-se a estalar a língua e dizer que ela era imaginativa e criativa, e que não se podia esperar que toda a gente a acompanhasse. Começara a dar a Nina livros extra e enciclopédias para ler. Esta abordagem, Nina percebia-o agora, não era clinicamente recomendada e nada fizera pelas suas capacidades matemáticas, mas fez com que ela chegasse ao secundário tendo lido mais do que qualquer outra pessoa, incluindo os professores. Também implicou que ela visse os livros como remédio, refúgio e fonte de todas as coisas boas. Até agora, não encontrara prova em contrário.

Nina olhou para a chefe.

— Hoje é noite de *quiz*. — Sabia que Liz se queria juntar à sua equipa de *quiz* mas não arranjava energia para as noites longas e as sessões de estudo semanal.

— Ainda não vos expulsaram? Pensei que iam fazê-lo, por estarem sempre a ganhar.

— Expulsaram-nos de um sítio, mas há muitos bares onde nunca ouviram falar de nós.

Liz ergueu as sobrancelhas.

— És uma penetra do *quiz*?

Nina encolheu os ombros.

— Vivendo o sonho dos *gangsters*.

Liz fitou-a.

— Vá lá. Mostra-me.

Nina abanou a cabeça.

— Por favor.

Nina suspirou.

— Tens de me dar uma categoria.

— Vida marinha.

— Demasiado fácil. Um polvo de 50 quilos consegue espremer-se por um buraco do tamanho de um tomate-cereja.

— Kurt Vonnegut.

— Abriu um dos primeiros stands de automóveis da *Saab* na América.

— Júpiter.

— Tem o dia mais curto de todos os planetas. Posso parar agora?

— Dói-te a cabeça? Estás a ver uma aura à volta das coisas?

— Não, mas a tua expressão expectante está a deixar-me um bocadinho stressada.

Liz riu-se e virou as costas.

— Não fazes ideia de como esse truque de festa é divertido — acrescentou por cima do ombro. — Não te esqueças de vir bem vestida, amanhã. Vem cá o Mefistófeles.

— Está bem. — Nina ficou a franzir a testa, tentando lembrar-se da verdadeira duração de um dia em Júpiter. Não conseguiu evitá-lo, eram... 9 horas e 55 minutos. Graças a Deus. Não conseguir lembrar-se de alguma coisa era uma tortura para Nina. Era como uma comichão no céu da boca ou como quando se tem uma picada de inseto entre os dedos dos pés. Tem de se coçar, embora seja uma sensação quase demasiado intensa para suportar. Liz pensava que todos os clubes e atividades em que Nina participava eram uma forma de ser sociável,

mas estava completamente enganada. Se nada o distraísse, o seu cérebro tinha tendência a descarrilar e enlouquecê-la com intermináveis rios sinuosos de pensamento, ou com constantes questões inoportunas para as quais precisava de encontrar resposta. O *quiz*, a leitura, o clube de leitura... eram simplesmente armas de autodefesa.

Dois

Em que ficamos a conhecer algumas coisas que irritam Nina.

Nina caminhou para casa sob a luz dourada do entardecer no seu bairro, a hora mágica, adorada pelos diretores de iluminação no cinema e solteiros que sonham com os seus planos para a noite. À sua volta, as pessoas passeavam os cães depois do trabalho, falando ao telefone, indiferentes à luz oblíqua que incidia nas janelas e nos batentes das portas, às cores pastel do céu com tantas transparências como a fila para a passadeira vermelha. Nina constatava muitas vezes que LA não era uma cidade bonita, arquetonicamente falando, mas o céu tornava-a bonita várias vezes por dia. Como em tudo o que é de Hollywood, o tipo que trata das luzes é Deus.

Por exemplo, a esta hora do dia, o sol tornava fantástico o seu cabelo ruivo-escuro. Se Nina soubesse como ficava bonito, ter-se-ia fotografado, mas infelizmente estava a pensar em *pickles* — fatiados, inteiros ou em molho americano — e escapou-lhe a oportunidade. Em geral, ela não era o género de mulher que fizesse virar cabeças; a sua aparência era um gosto adquirido e a sua expressão sugeria às pessoas que não teriam muita oportunidade de o adquirir. Era pequena e magra, e dava a impressão geral de uma corça bebé, até começar a falar e as pessoas perceberem que tinham estado a olhar para uma raposa. Como a sua boa amiga Leah dissera certa vez, ela não era má; era dolorosamente certa.

Nina arrendava a casa de hóspedes de uma das maiores moradias de Windsor Boulevard. Era uma casinha encantadora, completamente separada da casa principal, com uma entrada independente. Absolutamente perfeita para Nina. Os proprietários eram amigos da

mãe e, quando Nina terminara a faculdade, tinham por milagre acabado de remodelar a sua casa de hóspedes. Ofereceram-se generosamente para lha arrendar, e Nina aceitara, felicíssima.

O seu gato, *Phil*, estava sentado no portão à espera dela. *Phil* era um tigrado castanho e creme, com a ponta da cauda preta e as patas brancas. Saltou quando o portão se abriu e subiu as escadas à frente dela, com a ponta da cauda a dar-lhe um toque alegre, como uma bandeirola na bicicleta de uma criança. Nina notou que ele deixara uma minhoca muito grande e muito morta no tapete da entrada. O gato parou ao lado dela como quem não quer a coisa, tipo, *ah, pois, quase me esquecia, trouxe-te uma minhoca. Nada de especial, só uma minhoca magnífica que capturei com as minhas próprias patas e trouxe para ti. Pensei que talvez te apetecesse um petisquinho depois do trabalho, sabes.* (Pelos vistos encarnara o Ursinho Pooh.)

Nina baixou-se e fez-lhe uma festa na cabeça.

— Obrigada, *Phil*. É uma minhoca incrível. — *Phil* roçou-se nas suas pernas, deliciado consigo próprio. Outros gatos talvez ficassem em casa todo o dia, a preguiçar e a lamber os rabos, mas ele saía e Tratava da Vida. — Mas vou guardá-la para mais tarde, se não te importares.

Phil mostrou-se indiferente.

Nina abriu a porta e entrou, atirando com os sapatos. Colocou furtivamente a minhoca na bancada da cozinha, para a deitar fora quando o gato estivesse distraído. Olhou para o relógio gigante na parede; ainda faltava uma hora para o *quiz*. Ligou a chaleira, era hora de relaxar e organizar. Adorava o seu apartamento, ainda que chamar-lhe apartamento fosse um tanto exagerado. Era basicamente uma grande sala, com uma kitchenette minúscula e uma casa de banho, mas o que tinha em abundância era luz e estantes e, francamente, de que mais é que uma pessoa precisava? Grandes janelas duplas a sul e paredes a leste enchiam a casa de luz e cor, e as estantes iam do chão ao teto. Havia um enorme cadeirão junto à janela, onde Nina podia sentar-se — e sentava — a ler até mais não. O tapete persa era todo em tons vermelhos e laranjas, com tigres e aves, uma recordação de uma qualquer viagem da mãe, e tinha aparecido uma semana ou duas depois de Nina se ter mudado para ali (com uma cama, uma cadeira, seis caixotes

de livros, um gato, uma máquina de café e um grande quadro de avisos). Trazia uma nota que dizia: «Olá, tinha isto num armazém há anos, pensei que podias gostar. Avisa-me se quiseres o resto das coisas.»

Resto das coisas? Nina ligara imediatamente à mãe.

— Olá, mãe. Onde é que estás? — Era a sua saudação habitual.

— Neste momento, estou em Londres, querida. E tu? — A mãe era australiana, mas o seu sotaque esbatera-se ao longo dos anos até ser só um vestígio ocasional. Abria os «a» no final das palavras e dizia caramelos em vez de rebuçados, mas não usava um chapéu com rolhas de vinho penduradas.

Nina sorria ao ouvir a voz da mãe, a parte dela que lhe era mais familiar.

— Estou no Dubai, mãe. No cimo do Burj Khalifa.

— A sério? — A mãe parecera entusiasmada. — Como é a vista?

Nina suspirara.

— Não. Estou em LA, exatamente onde me deixaste.

— Oh. — A mãe ficara claramente desapontada. Nina não herdara a sua sede de viajar. Não o disse por palavras, mas não era preciso.

— O que é que se passa com este tapete? — perguntara Nina, calcando o tapete enrolado com o pé.

Nina ouvira a mãe a beber chá. Devia estar a fazer três ou quatro coisas ao mesmo tempo que atendia a chamada. Uma coisa de cada vez? Que piada é que isso tinha?

— Bem, eu vivia em LA quando estava grávida de ti, lembra-te?

— Claro. — Nina conhecia a história da sua origem de cor, como toda a gente. A mãe não era propriamente uma rameira, apenas não estava interessada em relações românticas. Muitos anos antes, Nina perguntara-lhe porque não optara por um aborto, e Candice rira-se da sua maneira habitual: «Porque achei que seria uma aventura, e foi mesmo. *AventurAA!*»

— O tapete é lindo. Como são as outras coisas?

— Bem, acho que há um pouco de tudo. Vai lá ver, se quiseres. — Depois disse-lhe onde ficava o armazém, e agora Nina olhava em redor do seu pequeno lugar feliz e via a mobília onde provavelmente teria feito chichi quando era bebé. Um pequeno sofá *kilim*, uma otomana

do Rajastão de que *Phil* se apossara, e toda a coleção de arte da mãe que conseguira arrastar para fora do armazém. A única parede que não fora tapada com estantes estava coberta de fotografias, imagens de Ruth Orkin, Henry Cartier-Bresson, Inge Morath e alguns instantâneos que a própria Nina tirava e de que gostava, cartazes e capas de revistas com os programas de televisão e as celebridades da sua infância, o seu «cantinho da visualização», com o quadro de avisos e o calendário (não é para rir, tomaras tu ser tão organizado como a Ninal), fotografias da mãe e de *Phil* quando era bebé. Encostada a uma parede encontrava-se uma cama de solteiro da coleção *Malm* do IKEA — com as gavetas de arrumação opcionais, atenção! A propósito, o plural de *Malm* é mesmo *Malm*; *Malms* soa mal, embora também soe como um delicioso doce feito com marshmallows.

Inclinando-se para apanhar a correspondência, Nina deu comida a *Phil* e serviu-se de um copo de vinho. Foi até ao cantinho da visualização e ficou ali, de testa franzida para o quadro de avisos, com as suas imagens e citações inspiradoras, bem como sugestões de vida que nunca pusera, de facto, em prática. Ela gostava de ser organizada, mas sentia sempre que havia espaço para muito mais. Gostava de ter pastas e listas de cores coordenadas, e passava meia hora todas as manhãs a rever a sua agenda, estabelecendo objetivos e intenções para o dia e, de uma maneira geral, a refletir. Este era o tempo que ela tinha, é claro, posto de parte para esse fim na sua agenda. Só gostava que houvesse mais para, realmente... *planejar*. Por vezes, fazia listas de coisas que já tinha feito só para lhes poder pôr um visto, o que não conseguia deixar de considerar bastante patético, embora estranhamente satisfatório.

Licenciara-se na UCLA com um curso interessante mas inútil (História da Arte, obrigada por perguntas) e aceitara o emprego na Knight's enquanto decidia o que queria fazer, agora que era adulta. Na verdade, passara os anos seguintes a crescer, tendo casos amorosos de curta duração e um ligeiramente mais longo e depois outros curtos, Pondo-se em Forma e Sendo Vegan e Paleo e depois Desistindo e Comendo de Tudo Outra Vez. Praticou yoga, depois *spinning*, depois uma combinação de yoga e *spin* à qual se referia como *spoga*, depois *découpage* e tricô, e foi a uma série daqueles eventos noturnos em que as pessoas

bebem vinho e pintam, mas tinha uma suspeita irritante de que o seu desempenho ficara, de alguma forma, abaixo das expectativas. O seu propósito na vida não podia certamente ser ler todos os livros possíveis.

Muitas das suas amigas estavam em relações românticas duradouras, mas Nina era solteira. Gostava de sexo, gostava de pessoas com pontos de vista diferentes, ia a encontros. Mas, em LA, os encontros eram um desporto de contacto facilitado pela Internet e, após uma dúzia de noites que tinham estabelecido novos mínimos no seu comportamento interpessoal, decidira fazer uma Pausa nos Encontros. Tinha sido muito mais fácil do que quando tentara deixar a cafeína.

Nina temia gostar demasiado de estar sozinha; eram as únicas ocasiões em que se sentia completamente descontraída. As pessoas eram... cansativas. Deixavam-na ansiosa. Sair do seu apartamento todas as manhãs era o virar de uma ampulheta gigante, com a energia mental que armazenara durante a noite a esvair-se a pouco e pouco. Recarregava as baterias arranjando momentos de solidão, e por vezes sentia que a sua vida era nadar longas distâncias entre ilhas de silêncio. Gostava de pessoas — a sério —, mas precisava de as tomar em doses homeopáticas, um pouco do veneno era a cura.

Sozinha, definia objetivos e cumpria-os, desafiava-se e aceitava os desafios, começava passatempos e desistia deles, e se limpava periodicamente o seu quadro de avisos e afixava novos objetivos e planos e datas e orçamentos e comprava uma nova agenda a meio do ano e começava de novo, qual era o problema? Nina inclinou-se para a frente e fez uma cruz sobre esse dia, apesar de este ainda não ter acabado.

Estás a ver? Sempre muito à frente!



A equipa de *quiz* de Nina era composta por ela e pelos seus três melhores amigos, e chamava-se De Livro em Riste, porque... porque não? Eram inexpugnáveis em livros (Nina), História e Geografia (a sua amiga Leah), Cultura Popular Contemporânea (Carter, um ex-namorado de Leah que era demasiado divertido e inteligente para deixar ir completamente),

e Atualidade e Política (a sua outra amiga, Lauren). Eram todos igualmente bons, ao verdadeiro género *millennial*, em Cultura Popular Clássica (1950-1995, de Lucy Ricardo a Chandler Bing) e na identificação de petiscos internacionais. Apesar de Nina ser fã de futebol americano, o seu calcanhar de Aquiles continuava a ser o desporto. Num esforço para aumentar os seus conhecimentos desportivos, começara a ler a *Sports Illustrated*, mas até agora só lhe servira para ter sonhos picantes com um praticante de *snowboard* norueguês cujo nome não sabia sequer pronunciar.

Tendo sido expulsos do seu último bar habitual por nunca deixarem ninguém ganhar, os De Livro em Riste testavam agora cautelosamente um novo local. Situado em Silver Lake, o Sugarlips abrira há dois meses e servia uma ampla seleção de refrigerantes (internacionais e nacionais), bem como a habitual panóplia de cervejas artesanais. Também começava a ganhar reputação devido às tacinhas de cereais que servia como aperitivos, o que supostamente explicava o seu nome.

— Que tal? — Lauren observava Carter enquanto este provava um refrigerante de pera com gás. Lauren tinha cabelos e olhos negros, e uma alma a condizer que se deleitava com o género de humor que outros podiam considerar sardónico. Lembrava a Nina um bom pão caseiro, com a côdea dura por fora e um miolo macio e gratificante.

Carter encolheu os ombros.

— Sabes, nunca tinha bebido nada de pera com gás, por isso não posso comparar. Mas sabe a... pastilha elástica de melancia? — Deu mais um gole. — É bastante surpreendente, mas acho que só se estivesse pedrado é que o apreciava devidamente. — Ele não parecia o género de rapaz que ficava pedrado. Parecia o género de rapaz que ajudava velhinhas a atravessar a rua e que comungava regularmente, mas, como toda a gente sabe, as aparências iludem. Tinha o símbolo da Aliança Rebelde tatuado no braço, e a Força era intensa na sua família.

— Não. — Nina abanou a cabeça. — Concentra-te no jogo. Sabes as regras.

— Talvez me tornasse mais rápido.

Lauren riu-se para dentro do copo da sua cerveja.

— Pois, porque é uma coisa que as pessoas dizem sempre: «Temos de agir com o máximo de rapidez e eficiência, roda aí a ganza!»

O concurso começou e os De Livro em Riste deram cartas durante cerca de uma hora. Depois chegou um grupo de retardatários, para lhes estragar a noite.

— Oh, merda — murmurou Carter. — Olha quem eles não são.

Nina virou a cabeça.

— Quem é que não são?

— Bolas — disse Leah. — São os És um Quiziceiro, Harry.

Nina manteve uma expressão impassível, mas por dentro sentia-se vexada. Os Quiziceiros eram, de facto, o único desafio que eles tinham tido no mundo dos bares de *quiz* do leste de Los Angeles, que é, reconhecidamente, um mundo muito pequeno, mas Nina era competitiva.

Observaram os Quiziceiros, que eram três rapazes e uma rapariga, uma versão inversa deles, sentarem-se na mesa em frente. O líder da equipa era claramente o rapaz alto que semicerrou os olhos para Nina e depois levantou a mão numa espécie de saudação.

Nina susteve o olhar dele por alguns momentos, depois bocejou intensamente.

— Simpática — disse Lauren. — Subtil.

— Ele irrita-me.

— O que é que te irrita? A beleza dele ou o facto de ele saber muito mais de desporto do que tu?

— Ele não é bonito. E sabe mais de desporto do que eu porque é um bronco. Já repararam que nunca responde a nenhuma pergunta que não seja de desporto?

— Isso não é bem assim. Há umas semanas, respondeu a uma pergunta sobre supermodelos.

— Bah, assuntos de fato de banho — disse Nina.

Leah e Lauren olharam uma para a outra por cima da cabeça dela.

— Pessoalmente, acho que é a beleza — disse Leah. — Acho que vocês estão destinados a apaixonar-se um pelo outro e a fugirem juntos numa lua de mel de *quizzes*.

— Que seria passada onde?

— No estúdio de Culver City onde filmam o *Jeopardy!*?

— Em Washington DC, para poderes enfiar-te na biblioteca do Congresso?

— Havai?

Olharam todas para Carter.

— O que é que o Havai tem que ver com os *quizzes*? — perguntou Lauren.

Carter encolheu os ombros.

— Não sei. Estava a concentrar-me na parte da lua de mel.

Nina suspirou.

— Ele é objetivamente atraente, mas subjetivamente repulsivo, devido à sua assombrosa autoconfiança.

Carter assentiu com a cabeça.

— É verdade, porque as mulheres detestam um homem confiante. É por isso que o Luke é muito mais atraente do que o Han.

— O sarcasmo faz-te rugas — disse Nina. Olhou discretamente para o líder dos Quiziceiros. Tinha cabelo escuro que parecia não ver pente, o que era bom, e um rosto ossudo e esguio, que só não era tradicionalmente bonito porque ele, claramente, partira o nariz algures no seu passado. — Além disso, parece meter-se em lutas, e eu sou pacifista.

Nenhuma destas coisas era completamente verdade, o que fez Carter revirar os olhos.

O apresentador do concurso deu uma pancadinha no microfone.

— Muito bem, hoje temos uma nova equipa que se junta à festa: És um Quiziceiro, Harry. A atual equipa líder, os De Livro em Riste, tem um avanço de 10 pontos, mas ainda temos três rondas pela frente e, de acordo com as regras, as últimas equipas não têm créditos extra, por isso, boa sorte a todos!

Nina verificou se toda a gente tinha papel e lápis à mão para tirar notas. Mais ninguém precisava de papel e lápis, claro está — era ela que preenchia as respostas —, mas gostava que todos estivessem preparados. E se ela, de repente, tivesse uma apoplexia e partisse o lápis? O seu cérebro teve de imediato uma visão em câmara lenta da sua queda, o lápis a partir-se debaixo dela, pedaços de madeira e grafite a saltitar pelo chão. Ela precisava mesmo de dar uma queca. Aquele género de sonhos acordada não podia ser um bom sinal. Olhou para o rapaz dos Quiziceiros que, tinha de admitir, era totalmente sexy e provavelmente estúpido como um cepo. *Não*, cérebro, *não*, repreendeu-se

a si mesma, ao que o seu cérebro respondeu que não tinha qualquer responsabilidade no assunto em questão e sugeriu que Nina dirigisse a sua queixa a uma autoridade mais abaixo.

— Estás a prestar atenção, Nina? — berrou Leah. — Estão a distribuir as folhas das perguntas.

— Sim, sim.

Tirou uma folha das mãos do apresentador, que se inclinou para ela e disse:

— Dez dólares em como os Quiziceiros dão cabo de vocês.

Nina franziu a testa para ele.

— Howard, tem juízo. Já vamos com uma ronda de avanço. Será difícil apanharem-nos.

Leah debruçou-se para ele e espetou-lhe um dedo no peito.

— Ei, lá por eu não querer sair contigo, não é preciso arrastares o jogo para o assunto. Este é um desporto decente, praticado por pessoas decentes.

— Em bares decentes — interveio Carter.

— A horas decentes — concluiu Lauren.

Todos conheciam Howard porque ele corria os bares todos a apresentar as noites de *quiz*. Autointitulava-se o Rei das Perguntas, mas os outros chamavam-lhe o Parvo do Quiz. Gostava de mostrar o seu poder, que se baseava apenas no facto de estar na posse de todas as respostas, e a equipa suspeitava que era ele o culpado por terem sido expulsos do último bar.

— Vocês estão bêbedos. Eles vão usar-vos para limpar o chão.

— Não estou bêbeda — disse Nina. — Estou completamente sóbria e vou aceitar a tua aposta e ficar com o teu dinheiro.

Howard riu-se desdenhosamente, o que foi ainda menos atraente do que se possa imaginar, e afastou-se.

Na mesa dos Quiziceiros, Lisa, o elemento feminino da equipa, estava a troçar de Tom, o rapaz alto que Nina julgava ser estúpido como um cepo.

— Gostas daquela rapariga, não gostas? — Inclinou a cabeça um centímetro na direção de Nina.

Tom abanou a cabeça.

— Absolutamente nada. É muito emproada. E é muito baixinha. — Podia ter continuado e dito que tinha pele de pêssego e cabelo da cor de um *setter* irlandês e uma boca maior num canto do que no outro e tornozelos que quase não adelgaçavam... mas pensou que isso podia sabotar a sua posição.

Jack, outro membro da equipa dos Quiziceiros, fez uma careta.

— Tens inveja porque ela sabe mais do que tu.

— Não sabe, não.

— Sabe, sim. Parece saber tudo.

— Ninguém sabe tudo.

— Ouvi dizer que trabalha numa livraria — disse Paul, o último membro da equipa dos Quiziceiros.

— Isso não é batota?

Tom olhou-o.

— Não me parece que ter um emprego seja batota, Jack. Há montes de pessoas que têm empregos.

— Eu, não — disse Jack orgulhosamente. Houve uma pausa enquanto ele pensava se era ou não algo de que devesse gabar-se, e acabou por decidir que se sentia bem com isso. — Sou um artista.

— És um vândalo — disse Lisa. — Escreves o teu nome nas fachadas dos edifícios.

— Estou a exercer o meu direito ao protesto político.

— Não tarda nada, estarás a exercer o teu direito ao serviço comunitário — respondeu Paul. Era advogado, não conseguiu conter-se.

Lisa, que conhecia Tom desde o secundário, observou a sua expressão. Decididamente, ele gostava da líder dos De Livro em Riste. Olhou para a rapariga, que era, de facto, bonita, de uma maneira invulgar e interessante, e perguntou-se se teriam algum conhecido em comum. Estava na altura de Tom voltar a namorar. Passara tempo suficiente desde o último... desastre. Fez uma nota mental para perguntar a Jack qual era a livraria.

Howard voltou a bater no microfone.

— Equipas, que se iniciem as batalhas. Lápis preparados, o tempo começa... agora.

Hoje é o dia

DATA Quarta-feira, 1 de maio S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Vestir-me bem!!!

Trabalho

Clube de leitura

OBJETIVOS

Melhorar os conhecimentos de desporto

NOTAS

Wiki corridas de cavalos



LISTA DE AFAZERES

- Subscrever a Sports Illustrated*
- _____
- Cereais*
- Pipocas*
- Marshmallows*
- Chocolate*
- Leite*
- _____
- _____
- _____

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO

Três

.....

*Em que Nina é surpreendida, não necessariamente
de maneira agradável.*

As manhãs eram um pouco complicadas em casa de Nina.

Na sua vida imaginária, que era a que gostaria de estar a viver em vez da que lhe tinha calhado ao nascer, ela levantava-se, lavava a cara com uma variedade de produtos sustentáveis, tomava duche num daqueles chuveiros com cabeças múltiplas (embora se perguntasse frequentemente o que é que acontecia quando as pessoas se baixavam para pegar no champô — levavam com um jato de água na cara? Parecia rude) e depois enfiava-se em roupas confortáveis mas estilosas, feitas de fibras naturais colhidas por trabalhadores bem pagos. Estás a seguir tudo? Depois tomava um pequeno-almoço de fruta fresca, cereais integrais e iogurte feito com leite doado de livre vontade por cabras que tinham mais do que precisavam. Ela seria grata e *mindful* e imaculada.

Na verdade, era mais assim: Nina levantava-se e doía-lhe a cabeça porque tinha bebido vinho que continha pelo menos 30 por cento de sulfitos ou lá o que era que causava dores de cabeça. A sua boca sabia como o interior de uma daquelas meias desemparelhadas que por vezes vemos na rua, e o cabelo estava achatado. Ficava ligeiramente encurvada junto da máquina de café, a tremer até o café estar pronto. Por vezes, os seus olhos vidrados pousavam no cantinho da visualização e ressentia-se da regularidade com que o planeta girava em torno do Sol sem a consultar. Dia após dia, noite após noite, enxuga e repete. Basicamente, até o primeiro gole de cafeína lhe entrar no organismo, estava essencialmente em animação suspensa, e sabia-se que se babava.

Depois de «cafeinada» e com o duche tomado, tornava-se uma pessoa completamente nova. Essa pessoa levava uma segunda chávena de café para o grande cadeirão e pegava na agenda e na caixa dos lápis. Decidia o que comer e como ia exercitar-se. Fazia uma lista de compras. Sentia que a sua vida estava controlada e organizada e prosseguia na direção correta. Era a parte mais satisfatória do seu dia.

Hoje tinha uma reunião do clube de leitura e depois disso planeava voltar para casa e ler até à hora de ir para a cama. Deixou preparadas umas calças de pijama e meias extrafofas. Fez uma nota para comprar pipocas. Fez uma nota para comprar mini *marshmallows* para pôr no chocolate quente. E depois fez uma nota para comprar chocolate. E leite. E depois procurou no *eBay* uma caneca *vintage* interessante para o chocolate quente, mas então reparou nas horas, fechou tudo e foi a correr para o trabalho.

A caminho do trabalho, Nina sentiu-se muito alegre, pôs os auscultadores e fez de conta que estava num filme, sorrindo a toda a gente que passava por ela e dizendo olá aos cães. Tinha muito aquela fantasia, de que a sua vida era como o *The Truman Show*, que havia espetadores por todo o mundo a apreciar a sua *playlist* e o seu penteado tanto quanto ela. Virava a cara para o sol, para ajudar o tipo das luzes, ou olhava por cima do ombro para a câmara lá atrás ter alguma coisa que fazer. Em público, Nina era uma pessoa calada e reservada; em privado, era uma cavalgada cantante e dançante de luz e movimento. A não ser que fosse uma bola trémula de ansiedade, porque essa era também uma opção selecionada frequentemente. Era muito boa a escondê-la, mas a ansiedade era como o seu anti-superpoder, que chegava sem convite numa crise. O Hulk fica zangado, a Nina fica ansiosa. Nina simpatizava muito com Bruce Banner, particularmente a versão de Mark Ruffalo, e pelo menos ela tinha *Xanax*. Ele só tinha o Thor.

Nina chegou a Larchmont Boulevard, com as suas lojas artesanais de chapéus e queijo (duas lojas diferentes, senão seria uma estranha combinação, sobretudo no tempo quente) e virou para o seu café favorito, para comprar um queque sem glúten e com pouca gordura. Mentira, ia pedir um croissant de chocolate.

— Olá, Nina — disse Vanessa, uma amiga sua que ali trabalhava.
— Novidades?

— Surpreendentemente poucas. Hoje, vou comer um croissant de chocolate.

— O pequeno-almoço dos campeões.

— Campeões franceses.

— *Champignons?*

— Acho que isso são cogumelos. — Demonstrou mais confiança do que a que sentia.

Vanessa encolheu os ombros.

— Olha, ainda só tomei dois cafés. Estou mais morta do que viva.

Nina aceitou o croissant sem saco e comeu-o enquanto atravessava a rua. Multitarefa e ecoconsciente, tudo ao mesmo tempo. Ainda não eram 9 horas e já estava adiantada para o dia.

Liz ergueu o olhar quando ela entrou.

— Oh, trouxeste um desses para mim?

Nina virou as costas e voltou a atravessar a rua. Um minuto depois, estava de volta.

— Sim, por acaso trouxe. Vê bem.

— Que simpático da tua parte. Como foi o concurso?

— Perdemos.

Liz olhou-a.

— O quê? Vocês nunca perdem.

Nina pontapeou uma estante.

— Bem, ontem à noite perdemos. Estávamos empatados e o tema era corridas de cavalos e perdemos. Sabias que todos os cavalos de corrida fazem anos no dia 1 de janeiro? Não? Eu também não.

Liz franziu a testa para ela.

— Não dês pontapés na estante. Lamento que o teu fundo de conhecimento geral não incluía o desporto dos reis, mas estraga-me a mobília e desconto-te no ordenado. — Virou as costas, estalando a língua, mas de repente voltou para trás. — E não te esqueças de fazer uma pilha de livros, para o caso de o Mefistófeles aparecer. — Continuou a andar, mas voltou a parar. — Oh, com o choque da vossa derrota, esqueci-me de te dizer, mas perdeste uma chamada.

Nina sacudiu as migalhas gordurosas da camisola, satisfeita por nenhuma delas ter tido tempo para fazer nódoa (o que a fazia sempre

pensar nos *Simpsons*: «Lembra-te... se o papel ficar manchado, é a tua hipótese de ganhar peso») e franziu a testa.

— Uma chamada? Um cliente?

Liz encolheu os ombros e deu uma dentada no croissant, adicionando algumas migalhas à sua própria saia.

— Não sei. Um homem. Perguntou pela Nina Hill, que és tu, e quando lhe perguntei se queria deixar mensagem, disse que voltava a ligar. — O telefone tocou. — Talvez seja ele.

Mas não era, era outra pessoa qualquer, e Nina já se tinha esquecido do telefonema quando o homem que o fizera entrou na livraria algumas horas mais tarde. Destacou-se de imediato porque usava um fato com um corte e um estilo que não se via muitas vezes em Larchmont Boulevard. Um fato sério. Uma camisa branca com goma. Um bolso quadrado. A maioria das pessoas em Larchmont trabalhava em algo criativo e usava camisolas com capuz e ténis de cano alto. Quanto mais sucesso tinham, mais maltrapilhos pareciam. Este tipo parecia um extraterrestre.

— Nina Hill?

Liz apontou para ela, embora Nina já tivesse levantado a cabeça ao ouvir o seu nome, como um gato a ouvir uma lata a ser aberta à distância. Estava muito satisfeita a guardar novos livros de não ficção nas prateleiras e, naquele preciso momento, segurava um livro sobre minhocas e pensava com agrado em *Phil* e na sua natureza generosa. Olhou para o tipo e concluiu que deviam ser más notícias.

Ele aproximou-se dela, deslizando como se tivesse rodas, e disse:

— Menina Hill? Nina Lee Hill?

Era demasiado tarde para fugir, mas, tanto quanto sabia, não havia mandados de captura contra ela, por isso assentiu.

Ele sorriu.

— Há algum sítio onde possamos conversar em privado?

Só podiam ser más notícias.

O escritório da Knight's era muito pequeno e estava atulhado de caixotes de livros, cartazes gigantes a anunciar livros e pilhas de livros que ameaçavam virar e cair a qualquer momento. Havia uma cadeira, que devia ser ajustável mas não era, para a qual o homem apontou como

se dissesse «Força», por isso Nina sentou-se. Acabou por ser muito esquisito, porque a cara dela ficou mais ou menos ao nível dos genitais dele — ver: cadeira avariada —, por isso levantou-se. Ele também não se sentou, porque a verdade é que não tinha espaço para passar por ela, portanto, ficaram ali, uns 10 centímetros mais próximos um do outro do que seria confortável. Nina tinha vontade de dar um grande passo atrás e eventualmente assumir uma posição defensiva, mas o momento passara e, se o fizesse agora, pareceria mal-educada. *Oh, meu Deus*, pensou. Por vezes é difícil ser humana, com a pressão para ser civilizada jazendo numa camada muito fina sobre o cérebro de um pequeno mamífero nervoso. Talvez a camada de civilização das outras pessoas fosse mais espessa do que a dela. A dela era como uma máscara facial de puxar, depois de ser puxada. Pelo canto da porta, podia ver Liz a rondar, para o caso de precisar dela. Sentindo-se melhor, decidiu tomar a iniciativa e perguntou:

— Em que posso ajudá-lo, senhor...?

— Sarkassian. Sou advogado do património de William Reynolds.

— OK. — Nina aguardou. Nunca tinha ouvido falar do homem. Deveria conhecer o seu nome?

— Lamento, mas tenho más notícias. — O advogado fez uma pausa.

Nina continuou a aguardar. Se fossem mesmo más notícias, a polícia estaria ali, não é verdade?

— Lamento dizer-lhe que o seu pai faleceu.

Após uma breve pausa em que Nina procurou sentidos duplos ou talvez um problema de linguagem, abanou a cabeça.

— Lamento, deve haver um equívoco. Eu não tenho pai. — Soou-lhe mal. — Quer dizer, claro que tenho pai, mas nunca o conheci. Quer dizer, não temos qualquer tipo de relação. Nem sei quem ele é.

— É, ou antes, era, William Reynolds.

— Não me parece.

O advogado abanou a cabeça.

— Mas era. No seu património consta uma carta da sua mãe, Candice Hill, confirmando a sua paternidade e absolvendo-o de todas as responsabilidades, sob condição de nunca tentar contactá-la.

Nina acabou mesmo por se sentar na cadeira.

— Eu não...

O Sr. Sarkassian estava a encalvecer no cimo da cabeça, mas com cabelo à volta e atrás, como se usasse um chapéu de lã castanha a que tivessem retirado tudo menos a aba. Falava com rapidez e firmeza, fazendo Nina pensar se teria ensaiado durante o caminho. Com certeza não passava a vida a anunciar aquele género de coisas às pessoas.

— Não há dúvida de que o Sr. Reynolds obedeceu aos desejos da sua mãe durante toda a vida, mas a menina foi incluída na sua lista de herdeiros.

Fez uma pausa, mas Nina olhou-o sem responder, sobretudo porque não tinha qualquer resposta para dar.

— Estou aqui para a convidar a assistir à leitura do testamento, que será dentro de algumas semanas. — Parecia querer pedir-lhe desculpa. — Demorei mais do que queria a encontrá-la, já que a menina podia estar em qualquer lado. — Afastou o punho francês e consultou o relógio. — Imagine a minha surpresa quando percebi que estava a menos de um quilómetro, em Los Angeles.

— Porquê?

Ele sorriu, aliviado por finalmente ter algumas boas notícias para partilhar.

— Porque é onde o resto da sua família mora, claro.

Nina sacudiu a cabeça como *Phil* fazia quando lhe punha gotas nos ouvidos.

— A minha família?

O advogado deu-lhe uma palmadinha no braço, deixando-a demasiado perplexa para se esquivar.

— Peço desculpa, não sabia que a sua paternidade era uma novidade para si. — Uma momentânea expressão de censura perpassou-lhe o rosto e Nina falou.

— Claramente, a minha mãe não achou que o Sr. Reynolds pudesse ser um bom pai.

Outra expressão perpassou o rosto de Sarkassian, mas esta foi mais difícil de interpretar.

— Bem, talvez ela tivesse razão. Foi há muito tempo. Tem aqui o meu cartão, com a morada do meu escritório, para nos mantermos

em contacto por causa da leitura do testamento. — Fez uma pausa. — Entretanto, suponho que terá notícias do seu irmão e das suas irmãs. Tive de lhes revelar a sua existência, porque eles queriam saber o motivo da demora da leitura do testamento.

Nina fitou-o.

— *Os meus quê?*

— O seu irmão e as suas irmãs.

— Eu tenho um irmão e irmãs?

Ele tossiu.

— Receio bem que o seu pai se tenha casado três vezes.

— Mas não com a minha mãe.

— Certo. — Ele assentiu com a cabeça. — Mas com outras mulheres. Na verdade, tem três irmãs e um irmão, dois sobrinhos e duas sobrinhas, duas sobrinhas-netas e um sobrinho-neto. Além de duas madrastas ainda vivas, embora calcule que não lhe façam falta. — Viu as horas. — Pedi a um dos seus sobrinhos, o Peter Reynolds, que entrasse em contacto consigo e lhe explicasse a família toda, porque é complicado e ele é o único com quem toda a gente está sempre a falar.

Nina fitou-o.

— Peço desculpa, mas posso fazer de conta que nunca me contou? A verdade é que não quero mais pessoas na minha vida. Passei muito bem sem eles durante quase 30 anos. — Sentiu a respiração a ficar superficial e forçou-se a abrandá-la para não hiperventilar e cair para o chão.

Era evidente que o advogado nunca considerara esta opção, pelo que ficou desconcertado.

— O Sr. Reynolds era um homem extremamente rico, e o facto de ser sua beneficiária significa que ele lhe terá deixado algo de valor.

Nina tentou concentrar-se.

— Bem, a cavalo dado não se olha o dente, mas, a menos que seja uma bela quantia de dinheiro, francamente, não me interessa. E mesmo que seja uma bela quantia de dinheiro, não sei se me interessa.

— Claro que lhe interessa — disse o advogado. — Toda a gente se interessa por dinheiro. — Viu outra vez as horas. — Tenho de ir.

O Peter vai contactá-la em breve. Parece-me que nenhum deles ficou muito entusiasmado ao saber de si. Tirando o Peter.

— É fã de filhos ilegítimos?

Sarkassian virou-se para sair.

— É antropólogo.

*A vida de Nina Hill
dava um livro.*

*Mas está na hora
de ela virar a página.*



Nina Hill tem uma vida confortável: trabalha numa livraria, participa em concursos de cultura geral com uma equipa fantástica, tem uma agenda muito organizada onde anota tudo o que é importante e partilha a casa com o seu gato *Phil*. Filha única de uma conceituada fotógrafa que se tornou uma mãe ausente devido às constantes viagens, é nos livros que devora a toda a hora que Nina encontra o seu refúgio e os seus momentos de verdadeira felicidade.

Quando recebe a notícia da morte do pai, de quem nunca soube nada, Nina fica em choque. De um momento para o outro, o seu núcleo familiar passa a incluir um irmão, três irmãs e vários sobrinhos e sobrinhas, todos a viverem perto! E pior... Esta horda de desconhecidos parece estar cheia de vontade de conviver com ela, o que vai totalmente contra as suas tendências antissociais.

Como se essa não fosse já uma mudança suficiente na sua rotina, Nina vê-se também perante a presença cada vez mais constante de Tom, o seu maior adversário nas noites de *quiz*, que afinal até é um homem querido, divertido e profundamente interessado em conhecê-la melhor.

Será ela capaz de sair da sua zona de conforto e trocar a ficção pela vida real?

**FINALISTA DO PRÉMIO GOODREADS
PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO**

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora	ISBN 978-989-564-774-3 9 789895 647743 Ficção Romântica
--	---